

**SOBRE UMA AMBIGUIDADE EM “O LOBO E O CORDEIRO”:
DATIVO ÉTICO OU “LOCAL”?**

Roberto da Silva Ribeiro (UFPE)

pb1318113@hotmail.com

Roberta Tiburcio Barbosa (UEPB)

robertatiburcio02@hotmail.com

RESUMO

As fábulas de Fedro estão entre os textos mais lidos e comentados ao longo da história. “O lobo e o cordeiro”, que aqui será estudada, apesar de ser um texto conhecido, traz latente potências bem maiores que as já reveladas na sua “moral da história”. Concentrados sobre as escolhas linguísticas operadas pelo escritor, buscamos (re)avaliar o uso do termo *mihi*, na fala do lobo, com vistas a compreender melhor os sentidos contidos na narrativa. A seleção e combinação das palavras são processos complicados, mas que se desenvolvem orientados pelos eixos paradigmáticos e sintagmáticos, tendo em vista que no primeiro reside a categoria estilística, ou seja, as várias escolhas lexicais que o falante pode fazer para melhor organizar a “mensagem” que deseja transmitir. A escolha estilística se realiza em dois níveis: no eixo da seleção, em que se opta por uma unidade em exclusão de outras, e no eixo da combinação, em que se decide por um determinado tipo de construção.

Palavras-chave:

Literatura Latina Fábulas de Fedro. Uso Dativo do Dativo para evitar ambiguidade.

1. Introdução

Aparentemente um texto pequeno e extremamente conhecido como “O Lobo e o Cordeiro”, de Fedro (escrito por provavelmente entre 20 e 30 d.C.) não guarda nenhum segredo, nem tem coisa nenhuma de novo a nos ensinar. Entretanto, um breve pormenor nos espera, insuspeitamente, para saltar sobre nós de onde menos esperamos. Não é à toa que Umberto Eco usa o texto como epígrafe oculta do seu *Lector in Fabula*. (ECO, 1994, p. 2)

Na fábula “O Lobo e o Cordeiro” tem-se:

LUPUS ET AGNUS

Ad rivum eundem lupus et agnus venerant,
siti compulsi. Superior stabat lupus,
longeque inferior agnus. Tunc fauce improba
latro incitatus iurgii causam intulit;
'Cur' inquit 'turbulentam fecisti mihi
aquam bibenti?' Laniger contra timens

'Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe?
A te decurrit ad meos haustus liquor'.
Repulsus ille veritatis viribus
'Ante hos sex menses male' ait 'dixisti mihi'.
Respondit agnus 'Equidem natus non eram'.
'Pater hercle tuus' ille inquit 'male dixit mihi';
atque ita correptum lacerat iniusta nece.
Haec propter illos scripta est homines fabula
qui fictis causis innocentes opprimunt.

(FEDRO, I. I.)

A história é bastante conhecida: o lobo (representando os poderosos) e o cordeiro (representando os desprovidos de meios de defesa) se encontram à beira de um regato, o lobo hipocritamente procura um pretexto para justificar o assassinio/devoração do cordeiro que planeja fazer de qualquer maneira. Ao final o lobo realiza seu intento.

1.1. Objetivos

Nosso trabalho se volta para a análise da fala do lobo, no diálogo com o cordeiro, na frase “*‘Cur’ inquit ‘turbulentam fecisti mihi’*”, precisamente para o emprego do termo “*‘mihi’*” e da objeção do cordeiro “*‘Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe?! A te decurrit ad meos haustus liquor’*”, especialmente na aplicação do sintagma “*ad meos*”.

Segundo Eni Puccinelli Orlandi (2007, p. 60) “para que o sujeito seja sujeito é necessário que ele se submeta à língua”. Ao contrapor a construção erudita “*‘turbulentam fecisti mihi aquam bibenti’*” à construção popular “*A te decurrit ad meos haustus*” (que irá suplantar a primeira e se tornar o padrão nas línguas românicas), Fedro se submete à língua, para ele estrangeira, para poder se expressar como sujeito do seu discurso.

O grande número de estruturas que uma língua permite possibilita uma procura proveitosa de elementos que melhor se relacionam com aquilo que desejamos transmitir. Ao mesmo tempo, a escolha estilística se realiza em dois níveis: no eixo da seleção, em que se opta por uma unidade em exclusão de outras, e no eixo da combinação, em que se decide por um determinado tipo de construção. Nesses fenômenos José Lemos Monteiro (1991) tenta discernir o que seriam valores estilísticos impressivos (mais ou menos conscientes) e expressivos (conscientes e intencionais), entretanto, ressalta a dificuldade de tal diferenciação. Fedro parece realizar uma escolha consciente, expressiva, observável, de posi-

cionamento linguístico no contexto sociolinguístico em que se encontra, embora não se possa descartar um certo quinhão de pura intuição linguística inerente ao gênio literário.

O que se opera é que dentro de uma determinada língua o falante elenca a melhor forma de expressar sua personalidade/emoção. É nesse momento que surgem reflexões de pesquisadores, como Charles Bally e Joaquim Matoso Câmara Jr., afirmando que o estilo é apenas aquela expressão linguística relacionada com fatores emocionais, conceito que José Lemos Monteiro (1991) rebate, assinalando que, embora existam expressões diretamente relacionadas com a exteriorização das emoções, não se pode negar que igualmente existem casos em que os autores buscam somente adequar a estética do texto ao seu objetivo de comunicação linguística. Deste modo, José Lemos Monteiro, (1991) assevera que estilo é um conjunto objetivo de características formais oferecidas por um texto como resultado da adequação do instrumento linguístico aos propósitos específicos do ato em si.

Maria Cláudia Martins Parente (2008) mostra a importância da estilística léxico-semântica ou léxico estilística – que estuda a seleção vocabular e os fenômenos conotativos e polissêmicos relacionados à significação das palavras. O valor representativo e as palavras não possuem uma relação sólida, ou seja, a princípio, temos um estabelecimento desses conceitos de maneira arbitrária. Tem-se assim, o conflito entre léxico e sentido/significado. Tal fato é tão claro que de uma língua para outra, ou até mesmo dentro de um mesmo grupo linguístico, se observam variações, às vezes, inconciliáveis.

Nesse sentido, o problema da estilística seria obter o uso “normal” do qual o estilo é o desvio (GREIMAS & COURTÉS, [s./d.], p. 160). No caso, a oposição não é entre o uso “normal”, popular, do “ad + acusativo” contra um uso “estilístico” do dativo de direção, porém, uma oposição entre o uso nobre do dativo e o uso popular do acusativo preposicionado.

Na memória discursiva, estão guardados os acontecimentos do plano sócio-histórico-cultural dos sujeitos. Ela revela como os sujeitos eram e são constituídos socialmente. Dessa forma, é possível apreender o sujeito por meio do discurso, como afirmava Michel Foucault (1999). Objetivamos investigar a conjuntura textual na fábula fedriana para refletir acerca das suas configurações, fazendo um percurso a cerca da crítica e dos estudos sobre o uso do dativo na literatura latina, tendo Fedro como

sintoma/paradigma de uma escrita que, já à moda deleuziana (1995), “faz rizoma para todos os lados”.

2. A questão do dativo

É lugar comum entre os latinistas afirmar-se que o dativo é um caso escassamente estudado. Isto, porém, é um mito de mais de um século e que vem se repetindo de autor a autor. Pode ser que o dativo tenha sido menos analisado que outros casos, entretanto, o dativo latino já foi estudado por grandes nomes como Marouzeau, Laborderie, Gustafsson, Calboli e Hjemslev, entre tantos outros. O que há são poucas unanimidades a respeito do assunto. (GALINDO, 2004, 301-303)

O primeiro autor a estudar o dativo latino foi Varrão, seguido por Quintiliano, ainda na Antiguidade. Varrão, traduzindo literalmente o *ptôsis dotiké* dos gregos, chamou-o “*casus dandi*”, Quintiliano o batizou definitivamente de *casus dativus* e Prisciano tentou explicar o nome exemplificando “*post hunc est datiuus, quem etiam commendatium quidam inuncupauerunt, ut do homini illam rem et commendo homini illam rem.* (Prisc. GLK II, 185, 23). O que estes autores disseram bastou praticamente até o século XIX.

Segundo esta visão tradicional, o “dativo próprio” é o caso de quem recebe algo, é o caso do termo que completa um *verbum dandi*, daí o seu nome. Numa primeira analogia, objetos e seres inumanos podem exercer o papel de *acceptor*. Por analogia morfossintática, haverá termos abstratos que teriam passado também a flexionar-se no dativo: *nomina multi poetae memoriae tradiervnt* (Cic. *Inv.* 2.1.3). Também por analogia, verbos antônimos aos “*verba dandi*” recebem o dativo: *classe caesari erepta* (Cae. *Civ.* 3.11.4). Finalmente, ainda por analogia, surgiriam os dativos de interesse e posse (quem recebe está na posse do objeto e, obviamente, se interessa por ele).

Para a teoria localista do século XIX (GALINDO, 2004, p. 303-305) todos os casos oblíquos (isto é, todos exceto o vocativo e o nominativo) têm originalmente a função de indicar uma função de lugar ou direção. O dativo indicaria primitivamente o lugar para onde o objeto se dirige e, por analogia, passaria a indicar quem o recebe no destino.

Os gramáticos latinos chamam o dativo de direção “*octauus casus*” ou “*dativus sine praepositione*” e notam que ele é usado em lugar da construção comum formada pelo “*accusatiuus cum praepositione*” (ad +

acusativo) (GALINDO, 2004, p. 326). Segundo Guy Serbat (1989, p. 219-220) este uso do dativo, conhecido desde o período arcaico, é o chamado “lativo” ou dativo de direção ou aproximação: “*succissimus antro*” (Vir. Buc. V, 9). Tal uso é corrente em grego e, provavelmente por isso, juntamente com seu aspecto arcaizante, foi considerado mais “poético” que o uso do acusativo com preposição a partir do período imperial. O uso feito por Virgílio da construção a tornou comum entre os seus epígonos. Nesta acepção, os prosadores latinos costumam usar preposições lativas (ad, in+ac., sub+ac.) Tito Lívio, patavino como Virgílio, porém, usa frequentemente este recurso em sua prosa, o que indica também um possível regionalismo relativo à região de Pádua. De qualquer forma, nota-se que em Roma, o uso do acusativo preposicionado é marcado como “vulgar” e que o uso do dativo, considerado como “erudito”.

3. A formação linguística de Fedro

No prólogo do livro terceiro das *Fábulas*, Fedro informa o seu lugar de nascimento:

*Ego, quem Pierio mater enixa est iugo,
in quo tonanti sancta Mnemosyne Iovi,
Fecunda novies, artium peperit chorum.*

(*Prol., lib. III, vv. 17–19*)

Nascido na Trácia, então província da Macedônia, filho de escravos, Fedro (Gaius Iulius Phaedrus, c. 10 a.C – c. 60 d.C) viveu no período áureo da história romana, sob o reino de Augusto, que o alforriou. Para ele, como para a maioria dos romanos que viveram no governo de Tibério, o contraste entre os dois príncipes foi notável. Tibério deveria parecer, sem dúvida, a tábua inútil sobre a qual as rãs saltavam da sua segunda fábula, até aparecer Sejano, a hidra, a face pública da crueldade imperial, que depois se tornou vítima dela. Fedro sobreviveu ainda ao reinado de Calígula, tendo morrido, provavelmente, durante o governo de Cláudio.

Otávio, ao reprimir a rebelião dos trácios (23-24 a.C.), ato que definiu sua supremacia sobre o Senado, tomou-o, ainda adolescente, como parte do espólio de guerra e o levou a Roma. Lá ele aprendeu latim, não sendo nativo desta língua. Sendo primeiro escravo e depois liberto do imperador, Fedro estava envolvido indiretamente nas intrigas palacianas, as quais testemunhava em primeira mão.

Complexa, portanto, é a formação linguística de Fedro. Sendo ele trácio, deveria falar a variante local do macedônio. A questão da língua macedônia, por sua vez, é já bastante obscura, não se sabendo ao certo se era um dialeto grego muito característico, ou uma língua separada (QUEIROZ, 1976, p. 156). Fedro certamente falava o dialeto *coiné*, usado pela administração provincial desde os tempos de Alexandre. Os romanos nunca tentaram impor sua língua aos falantes do grego, sendo os documentos oficiais importantes sempre traduzidos nessa língua (MARROU, 1971, p. 396). As citações constantes de Esopo mostram que Fedro tinha um conhecimento pelo menos literário de grego ático, embora ele possa ter conhecido o autor apenas por versões orais de suas fábulas. Notável é a ausência de citações de outros autores clássicos, o que pode demonstrar que seu conhecimento de ático fosse superficial ou nulo.

Um romano instruído versava-se "*utriusque linguae*", fazendo com que, ao ser levado a Roma, Fedro não tivesse que estudar o latim abruptamente, porém com obviedade o aprendeu. Levando a existência anfíbia de um escravo áulico, seu tirocínio da língua latina deve ter-se dado em duas frentes, uma em contato com a realidade plebeia das ruas e praças e outra pelo contato com o falar da nobreza em palácio e pelos volumes da biblioteca imperial. Sua vivência linguística certamente o fez adquirir uma consciência, ao menos incipiente, das diferenças entre as variantes linguísticas e sua significação social. Os comentários maldosos dos palacianos em relação à alocação dos populares e provincianos que procuravam as audiências devem ter-lhe oferecido pistas valiosas sobre as variantes linguísticas estigmatizadas da época.

Fedro assiste os primeiros passos para a separação entre o latim clássico e o latim vulgar, que vinha sendo sentida desde a geração anterior, como testemunhou Cícero. Com o surgimento de uma classe áulica, enfurnada nos palácios e temerosa da plebe, pronta a afirmar sua pretensa e frágil superioridade a cada passo, o uso da língua vai se tornando cada vez mais codificado e rígido.

4. A escrita de Fedro: o uso do dativo em "O Lobo e o Cordeiro"

"O Lobo e o Cordeiro" é a fábula inicial de seus livros, logo depois do pequeno prólogo de sete versos. Desde o momento da publicação, ela foi vista como um protesto contra o ministro Sejano, que governava em nome de Tibério.

Lúcio Élio Sejano (em latim: Lucius Aelius Seianus; 20 a.C. -31 d.C) foi prefeito da guarda pretoriana e em dada altura o homem mais influente na Roma Antiga, quando o imperador Tibério se retirou para o seu palácio na ilha de Capri.

De origem humilde, Sejano subiu na hierarquia militar até se tornar condutor da Guarda Pretoriana, da qual foi prefeito de 14 até a sua morte em 31. Rapidamente transformou-se no braço armado das políticas de repressão impostas por Tibério.

Durante a década de 20 d.C., Sejano acumulou gradualmente poder político, consolidando a influência que exercia sobre o desconfiado Tibério e eliminando os seus adversários políticos, entre eles o filho do imperador, Júlio César Druso. Quando Tibério se retirou para a ilha de Capri em 26, Sejano ficou na posse de toda a administração e agia como governante de fato. Os senadores e os cavaleiros tratavam-no como se fosse tal, o seu aniversário celebrava-se pelas ruas de Roma e erigiram-se estátuas na sua honra. Após esmagar os seus opositores políticos, a posição de Sejano tornou-se praticamente intocável. Este é o ambiente político evocado por Fedro na sua segunda fábula. Tibério é o “lenho inútil” que as rãs repudiam e Sejano é a hidra de “dente áspero”.

Após o autoexílio do imperador em Capri, Sejano tentou entrar para a família imperial ao casar com a viúva do filho do soberano, mas foi impedido; passou então a alimentar animosidades secretas contra Tibério. Em 31, Sejano foi nomeado cônsul e teria organizado uma conspiração contra o próprio príncipe para tomar o seu lugar; Tibério, no entanto, descobriu a conspiração por intermédio da denúncia de Antônia, chamada “a Jovem” ou “Menor”. Tibério retornará do autoexílio para executar o seu ministro. Assim, a composição das duas primeiras fábulas pode ser datada de algum ponto entre 26 e 31 d.C.

No final da fábula, Fedro escreveu "esta fábula foi escrita por causa daqueles homens que oprimem os inocentes com pretextos falsos". A segunda fábula, uma versão de uma anterior de Esopo, indica claramente o objetivo político do livro, sendo possível a identificação de Sejano com a hidra.

4.1. O *Mihi* e o *Ad Meos*

Em geral, o *mihi*, na passagem em tela, é interpretado como um dativo ético (uma vez que o verbo "*facere*" é transitivo direto) e indicaria

o interesse do lobo pela água bebida. A tradução literal segundo o entendimento corrente seria portanto

- a) “*turva para mim fizestes a água a ser bebida*” ou
- b) “*turva fizestes a água a ser bebida por mim*”.

O que não concorda totalmente com a resposta do cordeiro “*A te decurrit ad meos haustus liquor*” (De ti corre o líquido para os meus goles), ou seja, indicando a direção da água e não o interessado na ação. Com a interpretação lativa aqui proposta, traduziríamos

- c) “*turva fizestes em minha direção a água a ser bebida*”

ou menos literalmente

- d) “*fizestes a água ficar turva em minha direção*”,
- e) “*fizestes a água que vem em minha direção ficar turva*”,

o que justificaria a resposta do cordeiro em termos de localização (acima, abaixo) e a própria declaração do narrador “*Superior stabat lupus*”.

Mihi e *ad meos* devem ser então, segundo o nosso ponto de vista, variantes estilísticas de classe social: *mihi* indicaria um membro da classe alta falando um latim virgiliano e *ad meos* um latim mais próximo da plebe.

Nos poetas o uso do dativo lativo é abundante, especialmente nas obras de Virgílio e seus epígonos, por exemplo: *gregem viridi compellere hibisco* (Vir. *Buc.* II, 30). Fedro, como falante nativo de grego, deve ter notado essa distância do uso popular e o uso dos epígonos de Virgílio.

Em geral, serve de prova a frequência com que um dado fato linguístico ocorre numa obra. Neste caso, porém, é a ausência de outras ocorrências que chama a atenção. Em nenhuma outra fábula de Fedro existe um caso que possa ser tomado com dativo lativo.

Mesmo que não se queira admitir a natureza lativa de “*mihi*” no verso em questão, sabemos que o uso vulgar estava substituindo (opondo, portanto) o dativo ao acusativo preposicionado e foi este uso que sobreviveu no latim vulgar. O uso do dativo reiterado pelo lobo no verso “*Ante hos sex menses male' ait 'dixisti mihi*” pode indicar um reforço desta ideia. O cordeiro, por sua vez, não usa o dativo.

5. Considerações finais

Os estudos estilísticos apontam para as possibilidades de o falante/escritor optar entre utilizar os termos que mais expressam sua personalidade/emoção ou que mais se adequem à estética do texto que estão produzindo. Fedro, em "O Lobo e o Cordeiro", encontra-se entre esse último caso. A estilística é compreendida como a parte da linguística que consiste nas possibilidades estilísticas da língua e não no estilo do autor (DUBOIS et al., 2006, p. 237). Nosso estudo releva, portanto, a produtividade estilística da oposição do dativo ao acusativo preposicionado na Era Clássica. Fedro faz uma opção conscienciosa e significativa mostrando um posicionamento no contexto socioeconômico através do uso de uma variante estigmatizada para reforçar a mensagem que queria transmitir.

A influência das questões que envolviam a sociedade romana ao longo do século em que Fedro se encontrava, fez com que na escrita desse autor fosse possível observar que a língua era um marcador social, ou diferenciador/hierárquico, uma vez que existia a língua comum/vulgar utilizada pela plebe, que sobreviverá ao longo dos séculos, e a língua culta, usada pelos mais poderosos e os escritores consagrados no meio social e que se tornará cada vez mais rígida até se tornar uma "língua morta". A escolha de Fedro é uma pista para mostrar que a dicotomia entre latim clássico e latim vulgar está bastante atrelada à política do período imperial com o surgimento da classe dos áulicos.

A leitura, e o estudo, mais cuidadoso da fábula de Fedro, nos fez concluir que o que se passa na fala do lobo é um caso de dativo local e não "ético", ao contrário do que a crítica tradicional geralmente alega. Tal remate nos ocorreu, tanto devido à observação da frequência, ou da raridade, com que o autor utiliza o dativo, quanto à consideração da influência que o contexto social e o "cânone literário" exerceu sobre Fedro no momento de produção da fábula. O contexto social apontava para um forte divórcio entre a fala do povo e a da elite, que iria se consolidar durante o período imperial e dar origem às línguas românicas. O cânone apontava para a imitação das construções da língua grega em detrimento dos hábitos populares do latim. Isso ajudou Fedro a caracterizar o seu cordeiro como um membro da plebe e o lobo como alguém da corte imperial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ECO, Umberto. *Sei passeggiate nei boschi narrativi*. Milano: Bompiani, 1994.

FEDRO. *Fabulae*. Disponível em: <https://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost01/Phaedrus/pha_lib1.html>. Acesso em: 23-06-2017.

FOUCAULT, Michel. *Estética, ética y ermenéutica*. Introducción, traducción y edición a cargo de Ángel Gobilondo. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.

GALINDO, Marco Antonio Gutiérrez. El dativo latino: interpretaciones y bibliografía en los últimos siglos. *Emerita: Revista de Lingüística y Filología Clásica*, vol. LXXII, n. 2, p. 301-350.

GREIMAS, Algirdas Julien; CORTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, [s./d.].

MARROU, Henri-Iréné. *História da educação na antiguidade*. São Paulo: Edusp, 1971.

MONTEIRO, José Lemos. A escolha estilística. In: _____. *A estilística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 47-78.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Mito. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2007, 59 e ss.

PARATORE, Ettore. *Storia della letteratura latina*. Firenze: Sansoni, 1979.

PARENTE, Maria Cláudia Martins. O domínio da estilística: num convite a pesquisas e criações autônomas. *Caderno Discente do Instituto Superior de Educação*. Aparecida de Goiânia, GO, ano 2, p. 89-104, 2008.

PRISCIANUS. Prisciani institutiones: *GL 2,1-3,377*. Disponível em: <<http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp?id=T43>>. Acesso em: 23-06-2017.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

QUEIROZ, Hermínio Aureo. *Fontes e evolução da língua*. Olinda: Funeso, 1976

SERBAT, Guy. Le datif dans les bucoliques de Virgile. *Minerva*, vol. 3. 1989, p. 214-229.